

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRENO CORREA DE OLIVEIRA
GISELE MESTRINEL
LAÍSA SCHNEIDER ROLLO

BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL I: HABILIDADES SOCIAIS, UMA
ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Ribeirão Preto

2020

BRENO CORREA DE OLIVEIRA
GISELE MESTRINEL
LAÍSA SCHNEIDER ROLLO DOS SANTOS

**BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL I: HABILIDADES SOCIAIS, UMA
ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia
do Centro Universitário Barão de Mauá para
obtenção do título de licenciatura plena.

Orientadora: Dra. Marlene de Cássia Trivellato
Ferreira

Ribeirão Preto

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

B954

Bullying no ensino fundamental I: habilidades sociais, uma estratégia de intervenção/ Breno Correa de Oliveira; Gisele Mestrinel; Laísa Schneider Rollo Dos Santos - Ribeirão Preto, 2020.

44p.il

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Marlene de Cassia Trivellato Ferreira

1. Bullying 2. Habilidades sociais 3. Escola I. Oliveira, Breno Correa de II. Mestrinel, Gisele III. Santos, Laísa Schneider Rollo dos IV. Ferreira, Marlene de Cassia Trivellato V. Título

CDU 37.015.3:159.922.7

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸9878

BRENO CORREA DE OLIVEIRA
GISELE MESTRINEL
LAÍSA SCHNEIDER ROLLO DOS SANTOS

**BULLYING NO ENSINO FUNDAMENTAL I: HABILIDADES SOCIAIS, UMA
ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia
do Centro Universitário Barão de Mauá para
obtenção do título de licenciatura plena.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Marlene de Cássia Trivellato Ferreira
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Patrícia Maria Jorge Sparvoli Costa
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Rafael Cardoso de Melo
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto

2020

Dedicamos esse trabalho a todos os profissionais da educação, que nesse ano atípico fizeram o possível e o impossível para continuarem levando o conhecimento para seus alunos.

AGRADECIMENTO

O ano é 2020, e estamos enfrentando um período muito complicado de nossas vidas. Um período que jamais imaginávamos em presenciar. O mundo foi atingido pelo vírus COVID-19, e para nos manter seguros precisamos praticar o isolamento social. Até a data em que escrevemos esse agradecimento já se passaram oito meses desde o início da pandemia no Brasil. Durante esse tempo, precisamos nos reinventar para que nossas vidas continuassem, porém, dessa vez, de dentro de nossas casas. E então gostaríamos de agradecer primeiramente a todas as pessoas das áreas médicas que estavam na linha de frente no combate ao vírus. Deixamos aqui nossos sinceros agradecimentos pela dedicação no trabalho de vocês.

Gostaríamos também de agradecer a nossa orientadora, que por muitas vezes precisou nos acalmar e aguentar os momentos de tensão com muita tranquilidade e pacificidade. Obrigado, Marlene.

Aos meus amigos de sala da graduação, nós agradecemos por estarem presentes e compartilhando momentos importantes que contribuíram para nosso crescimento e amadurecimento nesse processo complexo e encantador chamado aprendizagem.

Aos nossos familiares, só temos que agradecer pelo apoio incondicional durante nossa formação. A todos vocês que estiveram do nosso lado, muito obrigado.

Aos nossos amores, não poderíamos deixar de agradecer pelo companheirismo e compreensão durante esse período tão turbulento e intenso de nossas vidas.

Claro, não poderíamos deixar de agradecer a todos os incríveis profissionais que tivemos a honra de compartilhar conhecimentos e momentos, que nos inspiraram de formas inimagináveis. Professores do curso de Pedagogia do Centro Universitário Barão de Mauá, muito obrigado por criar oportunidades e situações que nos possibilitavam enxergar a grandeza de nossa profissão e de nós mesmos. Se hoje estamos nos formando com a visão e crença de tornar vidas melhores através da educação, foi porque tivemos ótimos exemplos durante nossa graduação.

A todos vocês, muito obrigado!

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi”

(AmarElo – Emicida, Majur, Pablio Vittar)

RESUMO

O fenômeno *bullying* entre crianças em fase escolar é muito recorrente. Os estudos apontam que as propostas de intervenções com referencial das habilidades sociais têm se mostrado promotoras da melhoria da convivência no ambiente escolar. O presente trabalho teve como objetivo demonstrar resultados de intervenções efetivas no processo de minimização e erradicação do *bullying* em crianças em fase escolar do Ensino Fundamental I. Utilizou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica. A busca foi realizada na plataforma Scielo com os descritores *bullying* e habilidades sociais; habilidades sociais e escola. Nos artigos analisados verificou-se que o treino das Habilidades Sociais se apresenta como uma ferramenta efetiva no processo de minimização do *bullying*, porém é necessário observar e acompanhar as intervenções de modo que seja reelaborada para cada cenário, respeitando o perfil dos envolvidos. Os resultados indicam que o conhecimento dos professores sobre fenômenos sociais como o *bullying* também faz parte do universo de capacitação profissional de um educador, uma vez que ele é o grande mediador com potencial de promover intervenções que possuem como objetivo a erradicação ou diminuição dos efeitos do *bullying*.

Palavras chave: *Bullying*. Habilidades Sociais. Escola.

ABSTRACT

The phenomenon named bullying among schoolchildren is very common. Studies indicate that the proposals for interventions with a social skills framework shows to promote the improvement of coexistence in the school environment. The present study aimed to demonstrate results of effective interventions in the process of minimizing and eradicating bullying in children in the elementary School. Bibliographic research used as a methodological procedure. The search carried out on the Scielo platform with the keywords bullying and social skills, social skills and school. In the articles that were analyzed, it was found that the training of Social Skills presented as an effective tool in the process of minimizing Bullying; however, it is necessary to observe and monitor the interventions so that it is reworked for each scenario, respecting the profile of those involved. The results indicate that the knowledge of teachers about social phenomena, such as bullying, is also part of the universe of professional training for an educator, since he is the great mediator with the potential to promote interventions aimed at eradicating or reducing bullying effects.

Keywords: Bullying. Social Skills. School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	RELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR: <i>BULLYING</i> E AS HABILIDADES SOCIAIS.....	10
2.1	Relações no ambiente escolar: <i>bullying</i> , conceitos, histórico e caracterização.....	10
2.2	Relações na escola: desenvolvimento das habilidades sociais.....	14
3	JUSTIFICATIVA	20
4	OBJETIVO.....	21
5	AS INTERVENÇÕES COM HS PARA <i>BULLYING</i>, NO CONTEXTO ESCOLAR: MÉTODO, RESULTADO E DISCUSSÃO.....	22
5.1	Método	22
5.2	Resultados e discussão	23
6	INTEGRAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	36
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Apesar de ser um fenômeno muito antigo, estudos acerca do *bullying* começaram a ser realizados no Brasil apenas depois de 2005, porém já era alvo de pesquisas na década de 90. (LOPES, 2005).

A violência escolar é um problema complexo e grave. O termo faz referência a todos os comportamentos antissociais e indesejáveis, como depredação do patrimônio, conflitos pessoais, entre outros comportamentos agressivos. Esses comportamentos são o reflexo entre as interações que o indivíduo tem e desenvolve nos contextos sociais. A escola reproduz a cultura na qual está inserida, se torna então ambiente que estabelece relações de violência, sofrimento e medo. (LOPES, 2005).

Uma criança em fase escolar está passando por um período de solidificação da aprendizagem e estabelecimento de relações sociais. São momentos importantes de compreender e trabalhar emoções, assim como trabalhar também as habilidades sociais. Esse desenvolvimento garante que a criança adquira um bom repertório de comportamentos que a coloque diante de bons relacionamentos e adaptação social. A falta desse desenvolvimento pode comprometer as próximas fases da vida. Então, a promoção das habilidades sociais é apontada como comportamentos protetivos em relação a situações adversas, como a violência escolar. As atitudes violentas, então, que são direcionadas a algum indivíduo com a intenção de causar sofrimento são caracterizadas como *bullying*. E esses problemas de comportamento exprimem uma tentativa de evitar algumas situações que seja desagradável para si. (SANTOS; SOARES, 2017).

A escola, ambiente cujo as crianças passam grande parte de seus dias, deve preparar e estimular as crianças para atuar em sociedade, para que consigam cumprir com seus deveres e lutar pelos seus direitos, optando por alternativas pacificadoras e que promovam boas relações interpessoais, utilizando o repertório de comportamentos desejáveis.

Com isso, esse estudo visa buscar intervenções eficazes no *bullying*, que tiveram como ferramenta de prevenção e combate as habilidades sociais.

2 RELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR: *BULLYING* E AS HABILIDADES SOCIAIS

2.1 Relações no Ambiente escolar: *bullying*, conceitos, histórico e caracterização

De acordo com Bandeira e Hutz (2012), *bullying* é uma subcategoria do comportamento agressivo que ocorre entre os pares. O termo, que ainda não foi traduzido para o português brasileiro, é utilizado para qualificar os comportamentos agressivos no âmbito escolar. (SILVA, 2010). São atos de violência, que podem ou não ser física, que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra pessoas que se demonstram mais frágeis, mostrando-se impossibilitados de tomar atitudes frente às agressões sofridas. As agressões surgem sem quaisquer intuítos, tornando-se natural ao agressor, por puro prazer, diversão e sensação de poder.

Para Vieira, Mendes e Guimarães (2009) não existe apenas uma definição para o *bullying*, mas a ação é marcada por algumas características como agressões físicas e/ou verbais, ofensas, ridicularizações, humilhações etc. que persistem por um certo tempo. É uma relação onde há desequilíbrio de poder, ou seja, a vítima tem dificuldade de se defender.

O interesse pelo assunto *bullying* tornou-se maior após o ataque à escola *Columbine High School* (EUA – Colorado), quando dois alunos entraram armados na escola e mataram doze estudantes e um professor, além de ferir gravemente mais de trinta outras pessoas e em seguida, cometeram suicídio. O massacre aconteceu no ano de 1999 e desde então surgiram inúmeros estudos acerca da tragédia, tentando compreender as causas da fatalidade, a fim de controlar situações similares, reduzir os danos psicológicos e melhorar a qualidade de vida dos estudantes (VIEIRA, MENDES, GUIMARÃES, 2009).

No cenário brasileiro, o *bullying* passou a ser estudado na década de 1990, mas foi a partir de 2005 que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos (LOPES, 2005). Por ser um termo relativamente novo no universo científico, pouco é abordado sobre ele, assim como afirma Silva e Rosa (2013, p 330).

Apesar de uma discussão mais ampla desenvolvida nos meios de comunicação, e da presença deste tema como parte da formação inicial de pedagogos, identificamos que esta temática tem se constituído num campo ainda incipiente de pesquisa acadêmica. Evidência disto é que, em levantamento sobre os trabalhos apresentados nos últimos cinco anos nas reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)¹ e no Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE)², nenhuma pesquisa apresentada naqueles fóruns de divulgação científica abordava o tema do *bullying* na formação dos professores.

Em janeiro de 2011, na cidade de Taiúva (a 83km de Ribeirão Preto, interior de São Paulo) Edmar Aparecido Freitas (18), ex-aluno da escola Estadual Coronel Benedito Ortiz,

invadiu o pátio da instituição, munido com 105 balas e atirando em alunos, professores e funcionários. Cinco alunos, um zelador e a vice-diretora ficaram feridos. Em seguida, o atirador se matou com um tiro na cabeça. As investigações apontaram o *bullying* como causador do crime. Relatos informaram que Edmar tinha problemas com seu peso (EPTV, 2019). Em abril de 2011, um ex-aluno da escola Municipal Tasso da Silveira, do bairro Realengo no Rio de Janeiro, invadiu uma sala de aula atirando. Quatro alunos morreram e doze alunos ficaram gravemente feridos. Após investigação foi constatado que o massacre foi motivado pelo *bullying* (ATIRADOR [...], 2011).

Em outubro de 2017, no Colégio Goyases, escola particular de ensino fundamental, localizada em Goiânia, um aluno de 14 anos, atirou contra colegas de sala de aula, matando dois meninos de 12 e 13 anos. O atirador alegou que o crime foi cometido por ser vítima de *bullying* dos colegas, além disso, se inspirou nos massacres de *Columbine* e Realengo (SANTANA; RESENDE; TÚLIO, 2011). No ano seguinte, em setembro de 2018, um adolescente de 15 anos, abriu fogo contra colegas de classe no Colégio Estadual João Manoel Mondrone, na cidade de Medianeira – PR. Dois estudantes ficaram feridos, mas ninguém morreu. O atirador relatou à polícia que sofria *bullying* dos colegas (WURMEISTER; KOBUS, 2018).

O Massacre de Suzano foi o mais recente, ocorreu em 13 de março de 2019, na escola Estadual Professor Raul Brasil no município de Suzano – SP. Um aluno e seu colega invadiram a instituição, armados, assassinando cinco estudantes e duas funcionárias. De acordo com as informações coletadas no local, uma das motivações que gerou o massacre foi *bullying* (DUPLA [...], 2019).

Diante dos casos, fica evidente a semelhança entre eles, ambos tiveram como uma das motivações o *bullying* praticado no âmbito escolar.

Dentro do conceito de *bullying*, pode-se identificar o perfil dos envolvidos. São eles: o agressor, a vítima, a testemunha e a vítima-agressora. Bandeira e Hutz (2012) definem o perfil do agressor como a criança que agride outra aparentemente mais fraca, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima.

Para Silva (2010) muitos dos agressores se comportam desta forma por uma nítida falta de limites em seus processos educacionais no contexto familiar. Outros perfis de agressores já parecem ser carentes de um modelo educacional por não associar a autorrealização com atitudes socialmente produtivas e solidárias. Estes, encontram em suas ações egoístas e maldosas, um meio de adquirir poder e status, além de reproduzir os modelos domésticos na sociedade. Para a autora, ainda há um outro perfil de agressor, os que vivenciam dificuldades momentâneas,

como separação traumática dos pais, ausência de recursos financeiros, doenças na família, etc. Este tipo de agressor tem, portanto, um comportamento circunstancial. Por fim, outro perfil agressor é o das crianças e adolescentes que apresentam a transgressão como base estrutural de suas personalidades. Falta-lhes empatia como sentimento essencial para o exercício do altruísmo. Para Francisco e Libório (2009), o agressor também precisa de ajuda, visto que sofre grave deterioração de sua escala de valores, conseqüentemente, em seu desenvolvimento afetivo e moral também são afetados.

Lopes (2005) define a vítima de *bullying* como a criança que é constantemente agredida pelos colegas e não consegue reagir aos ataques. Ela é mais vulnerável às ações dos agressores por características físicas, comportamentais ou emocionais. Normalmente, é a criança com poucos amigos, passiva, retraída, com baixa autoestima.

De acordo com Silva (2010) as vítimas apresentam postura retraída, faltas frequentes às aulas, estão tristes grande parte do tempo, deprimidas e aflitas. Nos jogos ou atividades em grupo, são sempre os últimos a serem escolhidos, quando são. Os alvos geralmente são descritos como pouco sociáveis, inseguros, possuindo baixa autoestima, quietas, que preferem não reagir efetivamente dos atos de agressividade. Pereira (2002) afirma que as vítimas, normalmente, não se defendem ou não tem condições para tal, não procuram ajuda e, na maioria das vezes, se calam por medo de se expor.

As testemunhas são aquelas crianças que não praticam o *bullying* diretamente, mas são espectadores. De acordo com Bandeira e Hutz (2012) grande parte das testemunhas sentem simpatia pelas vítimas e até se sentem mal ou tristes ao presenciar os atos de maus-tratos. Contudo, as testemunhas não são capazes de apoiar ou ajudar a vítima, por não saber o que fazer, ter medo de ser a próxima vítima ou por medo de fazer algo errado e causar ainda mais problemas. Apontam a não participação direta das testemunhas em atos de *bullying*, e que geralmente se calam, por receio de se tornarem as próximas vítimas.

Vítima/agressor é a denominação dada àquelas crianças que são tanto vítimas como agressores. Diferenciam-se dos agressores e vítimas típicos por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição entre seus colegas (LOPES, 2005). Segundo Lopes (2005), estas crianças apresentam uma combinação de baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas e prováveis alterações psicológicas, merecendo atenção especial. Podem ser depressivas, ansiosas, inseguras e inoportunas, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações. Apresentam dificuldades com o comportamento impulsivo, reatividade emocional e hiperatividade (LOPES, 2005).

Diante das informações, normalmente, ocorre uma grande dúvida sobre como e o porquê de uma criança realizar atos que comprometem a integridade de outra criança, porém, os motivos para o desenvolvimento desse comportamento estão ligados a uma série de fatores. De acordo com Zequinão, Medeiros, Pereira e Cardoso (2016), as causas para o *bullying* estão associadas a partir do contexto histórico-cultural em que a criança vive. Existe uma probabilidade maior do *bullying* envolver sujeitos que encontram ausência de empatia e respeito no meio familiar e em suas relações, como também apresentam uma ligação fraca com a escola e seus membros. A dificuldade no desempenho acadêmico na sala de aula também pode contribuir para aparições de crianças com o perfil agressor, uma vez que a incompatibilidade cognitiva com a o resto da turma pode resultar em uma necessidade de sentir-se “superior”. Os locais sem supervisão e inseguros também são convidativos para que a criança consiga externalizar seus comportamentos indesejados. Relações violentas também podem causar na criança o conceito de relação interpessoal baseado em dois perfis, o agressor e a vítima, sendo assim a forma de relação que a criança tem mais contato é a que ela vai reproduzir quando está fora do ambiente de primeiro acolhimento.

Em decorrência dos ataques de perseguição, a vítima pode crescer com marcas desses atos violentos. Como Zequinão et al. (2016) afirmam, indivíduos que sofrem a vitimização nos períodos escolares são afetados de modo que interfere em toda sua vida, nas relações e nas emoções. Quando expostos a curto prazo de tempo, podem desenvolver um baixo rendimento escolar, que não permite que consiga acompanhar o andamento em sala de aula, ficar doentes com frequência e afastamento da unidade escolar. Quando expostos a longo prazo as complicações comprometem a saúde física, motora e mental do indivíduo, levando ao isolamento, incapacidade de envolvimento em grupos sociais, baixa autoestima, e em casos mais preocupantes podem cometer suicídio.

O *bullying* pode agravar progressiva e severamente diversos aspectos mentais. Bandeira e Hutz (2012) apontam os diversos sintomas físicos e emocionais agravados pelo *bullying*, como ansiedade, medo, cefaleia, enurese, evitação escolar, depressão, ideias suicidas, entre outros. Silva (2010) aponta os mesmos sintomas, além de problemas como transtorno do pânico, depressão, anorexia, bulimia e fobias. Outro apontamento feito pela autora é o agravamento de problemas preexistentes devido ao tempo prolongado de estresse que a vítima é submetida, e, nos casos mais graves, pode levar à quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

Sousa (2015, p.39) concorda e acrescenta que “Algumas proposições legislativas sobre o *bullying* destacam também o trauma que seria causado aos indivíduos vitimados, bem como alertam sobre a possibilidade de estes se tornarem dependentes de álcool e outras drogas.”.

Logo, percebe-se que o *bullying* pode não só afetar diretamente a vida de um indivíduo, como também pode afetar indiretamente sua rotina em sociedade, causando instabilidade nas relações humanas.

As relações estabelecidas em contextos de *bullying* tendem a ficarem instáveis, gerando prejuízo nas relações humanas. Oliveira et al. (2015) ressaltam que quando a criança convive em um local em que a violência é constante, os autores determinam que as relações humanas são compostas de dois perfis de comportamento: o agressor e a vítima, gerando assim um ciclo de relações pautadas em ações agressivas em outras esferas sociais da qual a criança tenha convívio. Maia e Leme (2014 p. 135) concluem sobre as relações empobrecidas

Os relacionamentos podem ser facilmente desfeitos caso haja qualquer tipo de desagrado entre as partes – predominam a fluidez e o descompromisso com o outro, contrários a uma postura ética de valorização do humano, em detrimento a proclamação de uma liberdade individual. O panorama insustentável de violência e de individualismo nos tempos contemporâneos é uma evidência da falência da modernidade e da instauração de ‘terras de ninguém’.

Ou seja, sob a perspectiva de Maia e Leme (2014), o *bullying* contribui para o afastamento social e individualização.

Silva (2010) refere que o fenômeno, muitas vezes, começa em casa, pois é neste ambiente que se deve trabalhar a empatia e o respeito ao próximo. Com o histórico de transpor o papel de educador dos pais para os profissionais de educação, os pais passam a não rever seus atos e valores, esperando que este seja passado a seus filhos por meio da educação recebida no ambiente escolar. O núcleo familiar é um ambiente social que se estende à escola, o que se aprende em casa é tão importante quanto o que se aprende na escola. Ética, solidariedade e altruísmo são valores que devem ser ensinados desde bebê.

A escola tem um poder de influência considerável sobre o comportamento humano, pois contribui para a formação do indivíduo por meio do desenvolvimento de comportamentos, habilidades e valores. Assim, "cabe às escolas a preocupação e consciência do seu papel na formação dos seus alunos, atentando para a literatura referente à promoção de saúde e de prevenção" (FERREIRA; CARVALHO; SENEM *apud* MAIA; BORTOLINI, 2012, p. 385).

2.2 Relações na escola: desenvolvimento das habilidades sociais

O desenvolvimento das habilidades sociais tem início no nascimento e se desenvolve ao longo da vida (Del Prette; Del Prette, 2005).

Segundo Gomide (2003), a infância se caracteriza como fase decisiva para a aprendizagem e o aprimoramento das habilidades sociais (HS). Sobre a criança nessa primeira fase da vida, Casali-Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015, p. 321 *apud* DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005) afirmam que “o ambiente familiar constitui o núcleo inicial para a aprendizagem dessas habilidades pois, desde pequena, a criança aprende por meio da observação, de instruções e regras estabelecidas pelos pais e, também, das consequências de seus comportamentos”

No entanto a construção do repertório social ao se estruturar nas interações familiares, entre amigos e com a comunidade em que está inserido, pode sofrer falhas nesse processo de aprendizagem, resultando em déficits nas HS (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). “As habilidades sociais são o conjunto de comportamentos emitidos frente às demandas de uma relação interpessoal e sua finalidade é maximizar ganhos e minimizar as perdas, que também potencializa a proteção em relação aos problemas emocionais e comportamentais” (FERREIRA; CARVALHO; SENEM, 2016 p. 87 *apud* MAIA; BORTOLINI, 2012).

Bolsoni-Silva e Carrara (2010) ainda enfatizam a ideia de que as HS são extremamente importantes para a concretização de categorias de repertórios comportamentais relevantes para o positivo desenvolvimento de interações sociais satisfatórias, o que é também ressaltado por Del Prette (2005), que aponta que a ausência das habilidades sociais pode resultar em problemas comportamentais, emocionais e, conseqüentemente, em transtornos psicológicos.

Os problemas externalizantes costumam envolver circunstâncias de irritabilidade, agressão (física ou verbal), provocações, rebeldias, dentre outras. Já os problemas que são internalizantes apresentam insegurança, retraimento social, tristeza, desinteresse por atividades acadêmicas e outros (GUERRA; ROVARIS; MARIANO; GUIDUGLI; ROSANTI; BOLSONI-SILVA, 2015).

Essas atribuições podem ocorrer devido a um repertório de habilidades sociais empobrecido, em sua maioria. Principalmente em condições de empatia, forma de expressar sentimentos e resolução de problemas (MAIA; LOBO, 2013). O repertório das habilidades sociais é dividido em classes e subclasses. As classes das HS são: Comunicação, civilidade, assertividade, fazer e manter amizade, empatia, expressividade emocional, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais profissionais ou de trabalho. Cada uma dessas categorias possuem um conjunto de comportamentos que, quando executados, garantem melhor qualidade e efetividade das interações. (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001).

Estudos que enfatizam as práticas educativas, identificam no campo das HS, as habilidades sociais educativas (HSE) definida por Del Prette e Del Prette (2008, p. 519) como

“um sistema de classes e subclasses com definições e exemplos aplicáveis às interações próprias da tarefa educativa de pais, professores e demais pessoas comprometidas com processos de promoção do desenvolvimento e da aprendizagem”. As classes e subclasses das HSE podem ser vistas abaixo, no quadro 1.

abela 1 - Classes e subclasses de Habilidades Sociais Educativas

1. Estabelecer contextos interativos potencialmente educativos	3. Estabelecer limites e disciplina
1. Arranjar ambiente físico	16. Descrever/analisar comportamentos desejáveis
2. Organizar materiais	17. Descrever/analisar comportamentos indesejáveis
3. Alterar distância/proximidade	18. Negociar regras
4. Mediar interações	19. Chamar atenção para normas pré-estabelecidas
2. Transmitir ou expor conteúdos sobre habilidades sociais	20. Pedir mudança de comportamento
5. Fazer perguntas de sondagem ou desafio	21. Interromper comportamento
6. Parafrasear	4. Monitorar positivamente
7. Apresentar objetivos	22. Manifestar atenção a relato
8. Estabelecer relações entre comportamento, antecedente e consequência	23. Solicitar informações
9. Apresentar informação	24. Expressar concordância
10. Apresentar modelo	25. Apresentar feedback positivo
11. Resumir comportamentos emitidos	26. Elogiar
12. Explorar recurso lúdico-educativo	27. Incentivar
13. Apresentar instruções	28. Demonstrar empatia
14. Apresentar dicas	29. Remover evento aversivo
15. Utilizar atividade ou verbalização em curso para introduzir um tema	30. Estabelece seqüência de atividade (Premack)
	31. Expressar discordância/reprovação
	32. Promover a auto-avaliação

Fonte: (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008, p. 522).

Os comportamentos de *bullying* são vistos como comportamentos externalizantes. Visto que estão associados a agressão, oposição, hiperatividade, desafios e impulsividade como forma de expressão. (D’ABREU; MARTURANO, 2010)

O fenômeno *bullying* vivenciado por crianças e jovens no ambiente escolar tem sido estudado a partir da sua relação com o desenvolvimento de um repertório de habilidades sociais (ALMEIDA; LISBOA, 2014). Segundo Caballo (2003, apud ALMEIDA; LISBOA, 2014), “Habilidades Sociais (HS) são entendidas como comportamentos que expressam sentimentos, atitudes, opiniões ou direitos de uma forma adequada e eficaz para com o contexto social, respeitando outras pessoas e sendo eficazes para a resolução problemas”. E seguindo os autores concluem (2014, p. 64) “As habilidades sociais se definem pelas combinações entre as características formais e funcionais de determinadas respostas sociais dos indivíduos.” Estudos

que fazem relação desses dois temas (*bullying* e habilidades sociais) podem contribuir no processo de compreensão sequencial das ações do *bullying* e em proporcionar o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis no ambiente escolar, familiar ou em outros grupos sociais. (ALMEIDA; LISBOA, 2014). De acordo com Z. Del Prette e Del Prette (2009 apud. Santos e Soares 2017),

uma criança que tem a oportunidade de aprender e desenvolver o repertório de HS tende a apresentar uma melhor adaptação e ajustamento social como também uma maior satisfação nas interações com outras pessoas. Nesse sentido Z. Del Prette e Del Prette (2009) explicam que déficits de habilidades sociais em etapas formativas da vida do indivíduo, podem comprometer fases posteriores de seu ciclo vital, visto problemas psicológicos, como a delinquência juvenil por exemplo. Desta forma a promoção das habilidades sociais tem sido apontada como comportamentos protetivos frente aos problemas de comportamento principalmente no que diz respeito à violência escolar. Pesquisas na área de relações interpessoais vêm confirmando uma associação entre déficit de habilidades sociais, problemas de comportamento e sociopatias em geral.

Ramos e Koehler (2013) apontam que o treino das habilidades sociais protege e reduz a possibilidade do indivíduo de adquirir marcas negativas durante a infância, uma vez que esse treino leva a aquisição e ampliação do repertório socioemocional.

Rocha e Carrara (2011) ressaltam que os indivíduos não nascem sabendo atuar em sociedade. Aprendem, de forma gradual, a se relacionar com os outros e com o ambiente de acordo com as etapas da vida. A mais importante delas é a infância, pois é nela em que a criança é mais suscetível a aprender intensamente. É na fase da infância que nos colocamos em situações que geram reações, e são com essas reações que a criança começa a aprender como funciona a vida em grupo. Uma mordida pode causar dor, mas se esse momento não for mediado por um adulto que a leve a entender que morder não é legal e existem outras formas de resolução de problemas mais saudáveis, pode ser que essa criança não tenha um bom repertório de habilidades sociais no futuro. A vida em sociedade requer que relações interpessoais aconteçam para que compreendam as necessidades em comum daquele grupo e busquem formas de saná-las. É nesse momento que os sentidos da vida em grupo são construídos.

No momento em que a criança é inserida em determinado sistema social mais abrangente, como a escola, ela passa por situações mais complexas, ou seja, com novas necessidades sociais que exigem a ampliação de seu repertório de habilidades sociais (Casali-Robalinho; Del Prette; Del Prette, 2015).

A escola tem a função social na construção de um indivíduo crítico e ético (LIBÂNEO, 2001), para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), a escola deve estar compromissada com um processo de ensino e aprendizagem que promova o desenvolvimento

integral do aluno, atento as atitudes, comportamentos e competências apresentadas pelo aluno e a serem desenvolvidas durante o processo educacional.

Com o crescente aumento de *bullying* em cenário nacional associados a casos de suicídios e homicídios em crianças e adolescentes foram criados programas e Projetos de Leis (P.L.s). No Art.1 da Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015 menciona o significado da expressão *bullying* e propõe que sejam criados programas de incentivo para o combate do *bullying* em instituições de ensino, e no Art. 2 e 3 caracterizam as violências e seus tipos (BRASIL, 2015).

Por mais que esses programas sejam criados na tentativa de diminuir o nome de incidências relacionadas ao *bullying* e as trágicas reações, segundo Sousa (2015) o combate e prevenção ao *bullying* estão atrelados a repressão. Ou seja, punir o errado e indenizar a vítima e desconsiderar todo um programa de providencias pedagógicas que possam ser adotados para reeducação. Silva e Rosa (2013) ressaltam que “no âmbito educacional o tema (*bullying*) não tem tido prioridade, o que dificulta a tomada de decisões tanto por parte de professores quanto de gestores educacionais para o enfrentamento do fenômeno de forma adequada e ampla.”

A comunidade escolar não pode mais ser desintegrada, segregando os métodos de ensino e aprendizagem, deve ser orgânica, sistêmica e integrada. O objetivo da instituição escolar não tem o foco direcionado apenas à formação acadêmica, pois é um ambiente em que as crianças têm oportunidade de aprender as relações humanas e a socialização, tanto entre si quanto entre alunos e professores, além do que aprendem por meio da observação das relações entre os adultos presentes no ambiente escolar (FERREIRA; CARVALHO; SENEM, 2016). Por este motivo as regras de convivência dentro da escola costumam ser tão presentes e lembradas com frequência aos alunos, pois faz parte do processo de aprendizagem quanto ao convívio social.

O ambiente escolar serve como cenário para o processo de desenvolvimentos grupais, dentre eles a violência escolar. (Lopes, 2005). É na escola que as crianças e adolescentes tem o primeiro contato social longe da supervisão de familiares e muitas vezes se sentem seguros a fazer testes que expandam a capacidade de interações e relações, onde desenvolvem a autonomia, independência e aumentam sua percepção de pertencer ao contexto social. “As habilidades sociais, juntamente às características de personalidade, determinam a forma com que o indivíduo se relaciona com seus pares. Este é um treino para o convívio em sociedade” (BANDEIRA; HUTZ, 2012 p. 37 *apud* CANTINI, 2004).

Segundo Del Prette e Del Prette (2006) o trabalho com habilidades sociais nas escolas se torna necessário a partir da dificuldade que apresentam ao resolver conflitos interpessoais que acontecem em ambientes educacionais, desafiando, assim, o trabalho docente e

funcionamento da escola. E Gomide (2003) afirma que a infância é a fase decisiva para o aprendizado das HS. A escola, então, se faz um lugar que esteja apto para estimular para além do desenvolvimento cognitivo, desenvolvendo o indivíduo de forma integral, já que durante a infância a criança passa boa parte do seu tempo dentro da escola.

3 JUSTIFICATIVA

O indivíduo, durante sua fase escolar, tem a oportunidade de desenvolver suas habilidades de agir e interagir com pessoas e ambientes, além de aprender os saberes científicos de forma integrada. A escola é um lugar propício para construção conhecimentos que desenvolvam o aluno de forma integral, ele aprende através de observação, como funcionam as relações entre os indivíduos a sua volta e também, exercita formas de interagir. Pensando nisso, as relações interpessoais no contexto escolar precisam ser trabalhadas de modo que adquiram um bom repertório de habilidades sociais para garantir relações saudáveis e não violentas como o *bullying*. O que incentiva e conduz a uma proposta investigativa sobre estudos realizados a partir do referencial das habilidades sociais em contexto escolar para minimizar ou prevenir o fenômeno *bullying* nas escolas.

4 OBJETIVO

Frente as diversas indagações sobre quais medidas adotadas pelo educador são efetivas no processo de minimizar ou erradicar as ocorrências de *bullying*, o presente estudo teve como objetivo demonstrar medidas de intervenção *antibullying* no ensino fundamental I, com destaque às intervenções que utilizaram o referencial das habilidades sociais.

5 AS INTERVENÇÕES COM HS PARA *BULLYING*, NO CONTEXTO ESCOLAR: MÉTODO, RESULTADO E DISCUSSÃO

5.1 Método

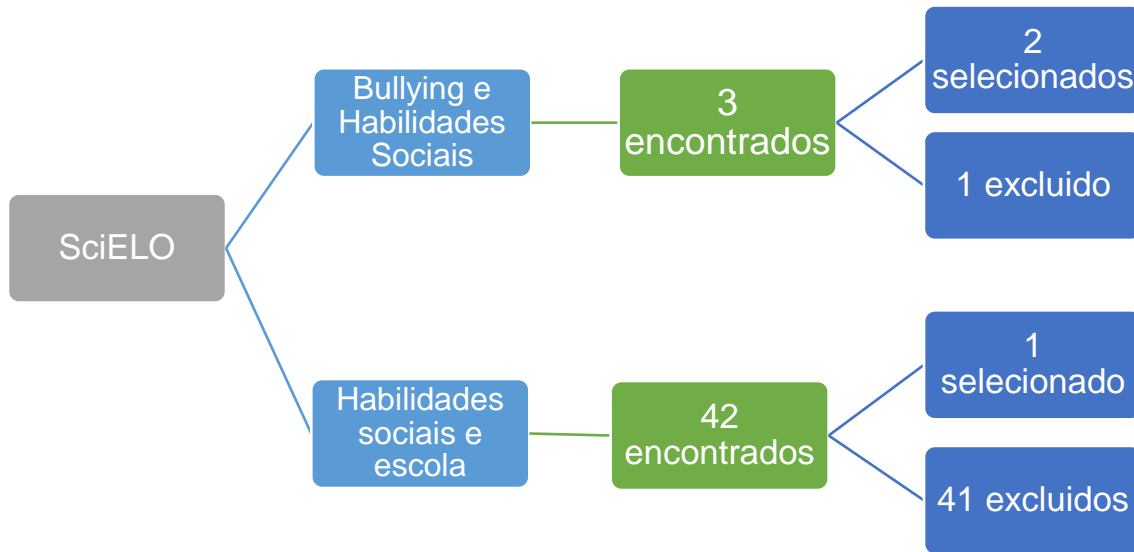
Para atingir o objetivo desse trabalho optou-se por utilizar o método da revisão bibliográfica integrativa. Para Botelho, Cunha e Macedo (2011), a revisão integrativa é um método de sintetizar conceitos e tracejar uma análise com base em estudos anteriormente desenvolvidos, possibilitando elaborar novos conhecimentos a partir dos resultados das pesquisas selecionadas.

Então, para cumprir com o objetivo desse trabalho, foi elaborado um problema de pesquisa. E em seguida foi realizada uma busca em um banco de dados seguindo as palavras-chave que compõe a problemática do estudo. O resultado da busca foi submetido aos critérios de inclusão e exclusão estabelecido pelo presente estudo. Os próximos passos foram de analisar os trabalhos que correspondem ao tema desse estudo e para serem apresentados de forma integrativa.

A busca em base dados foi realizada em junho de 2020 na plataforma de pesquisas acadêmicas científicas SciELO com os descritores *bullying* x habilidades sociais e habilidades sociais x escola. Os critérios de inclusão no estudo foram os seguintes: artigos publicados na língua portuguesa, que tratam do tema de habilidades sociais, *bullying* e habilidades sociais na escola, no ensino fundamental I, entre os anos de 2016 a 2020. Como critério de exclusão foi utilizado pesquisas em formato de dissertação e tese, em língua estrangeira, artigos cujo objeto de estudo fossem crianças em fases escolares diferentes do Ensino Fundamental I e artigos repetidos.

O fluxograma abaixo possibilita uma visão exemplificada do processo de seleção do material para a construção desse trabalho. Na plataforma de trabalhos acadêmicos SciELO foi realizada uma primeira pesquisa utilizando os descritores *bullying* e habilidades sociais, e foram encontrados três resultados. Um foi excluído por ser apresentado em língua estrangeira ficando então dois artigos selecionados. A segunda busca, com os descritores habilidades sociais e escola, resultou em quarenta e dois artigos, sendo quarenta e um excluídos por não estarem dentro dos critérios de inclusão da pesquisa, eram escritos em língua estrangeira e foram realizados em nível escolar diferente do Ensino Fundamental I.

Figura 1 - representando visualmente o processo de seleção dos artigos elaboradas pelos autores.



Fonte: dados da pesquisa

5.2 Resultados e discussão

O presente estudo busca investigar como intervenções *antibullying*, baseadas em como o referencial das Habilidades Sociais pode auxiliar no processo de diminuição e erradicação do *bullying* entre alunos em fase escolar do Ensino Fundamental I. A pesquisa na plataforma SciELO resultou em três artigos que são apresentados no Quadro 1:

Quadro 1 – Artigos encontrados pelo estudo, nome dos autores, ano, revista e objetivo do estudo.

Descritores	Artigos	Autores	Ano	Revista	Objetivo
Bullying x Habilidades Sociais	1-Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do <i>bullying</i>	Pedro Fernando da Silva Cintia Copit Freller Lucas Stefano de Lima Alves Gabriel Katsumi Saito	2017	Psicologia USP	Classificar em categorias os tipos de consciências que 17 professores de escolas públicas possuem sobre o que produz o <i>bullying</i> e do que deve ser feito para reduzi-lo através de análises de entrevistas.
	2- Revisão sistemática da literatura sobre intervenções <i>antibullying</i> em escolas	Jorge Luiz da Silva Wanderlei Abadio de Oliveira Flávia Carvalho Malta de Mello Luciane Sá de Andrade Marina Rezende Bazon Marta Angélica Iossi Silva	2017	Ciência & Saúde Coletiva	Identificar a produção científica referente às iniciativas exitosas ou mal sucedidas no tocante às estratégias <i>antibullying</i> , com vistas a delinear o que parece ser efetivo ou não, representa tarefa essencial para a construção de novos modelos de intervenção, contextualizados. Nesse sentido, no presente artigo, objetivou-se verificar a efetividade de intervenções rigorosamente planejadas e avaliadas na redução do <i>bullying</i> escolar.
Habilidades Sociais x Escola	3-Práticas Pedagógicas e Habilidades Sociais: Possibilidade de Pesquisa de Intervenção com Professores	Tatiane Cristina Rodrigues Lessa Natalia Costa de Felicio Maria Amélia Almeida	2017	Psicologia Escolar e Educacional	Se o ensino específico de uma classe de habilidades sociais poderia auxiliar diretamente na frequência de respostas dessa habilidade, a qual se desejava medir. Ou seja, o ensino e a intervenção baseada na técnica específica de <i>feedback</i> poderiam ampliar o número de <i>feedbacks</i> ofertados por um(a) professor(a) no contexto de sala de aula? E, ainda, se a quantidade de solicitações dos alunos para a professora seria modificada de acordo com o número de <i>feedbacks</i> ofertados.

Fonte: Dados da pesquisa

A seguir serão apresentados os resumos dos artigos encontrados na busca do presente estudo e posteriormente a análise integrativa deles e a discussão dos resultados.

SILVA, Pedro Fernando da et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 44-56, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000100044&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 set. 2020.

Artigo 1 - Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do *bullying*

O presente estudo teve como objetivo identificar o que motiva o *bullying* e o que deve ser feito para reduzi-lo. Para tanto, os autores entrevistaram 17 professores com idade entre 24 e 60 anos. Três deles lecionavam a disciplina de Português, dois lecionavam disciplinas de Matemática, um lecionava a disciplina de Ciências, cinco lecionavam a disciplina de Arte e seis ministravam a disciplina de Educação Física, resultantes de quatro escolas públicas municipais e uma escola pública estadual, todas de Ensino Fundamental I, localizadas no município de São Paulo.

As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas, individualmente, por meio de diálogo, os registros ocorreram por meio de anotações realizadas pelos entrevistadores, sendo assim o material coletado foi analisado com base na percepção dos entrevistadores. Os professores responderam as seguintes perguntas: “Por que o *bullying* ocorre?” E “O que é necessário fazer para combatê-lo?”.

Os autores analisaram os conteúdos das respostas dos professores em suas convicções e reflexões a partir do tema apresentado e assim, verificando elementos que tivessem consciência crítica sobre o *bullying*, sua produção, enfrentamento e as possíveis intervenções.

Foram elaboradas três categorias, em que a análise e a exposição dos dados compusessem um único processo para organização do material coletado e sua interpretação teórica: a) expressão de consciência a respeito da produção e da redução do *bullying*; b) engajamento dos professores em relação ao combate ao *bullying*, mas consciência limitada a respeito de suas causas; c) não apresentaram indícios de consciência a respeito da produção e do enfrentamento ao *bullying*.

A expressão de consciência a respeito da produção e da redução do *bullying* foi identificada nos professores de Matemática da escola E, de Arte da escola B e Português da escola C, que apresentaram propostas estruturadas sobre a redução dessa forma de violência escolar, as quais levavam em conta o papel e a participação dos professores, família e a do

aluno. Os autores ressaltam que a prática do *bullying* se baseia no entendimento de que ele está associado à violência que provém da estrutura da sociedade e se instala nas relações sociais.

Os professores de Matemática e Português, associam a relação do *bullying* com valores como: egoísmo e individualismo. Esses valores são reproduzidos em diversos âmbitos, tanto no ambiente familiar por meio de brincadeiras violentas e preconceituosas quanto no ambiente escolar por meio de violência física e emocional. Ambos os docentes consideram o contexto escolar como fator formador do *bullying*, inclusive admitindo que certos docentes usam apelidos para se referirem aos alunos, reforçando essa prática.

Os professores demonstraram possuir autoconsciência a respeito de seu papel e perceberam sua importância nos acontecimentos da escola. De acordo com os autores os docentes expressaram consciência social a respeito da interdependência entre o indivíduo e a sociedade, compreendendo que deve ser cobrado de si mesmo uma posição sobre as relações hostis e assim, não aceitando a violência como uma simples brincadeira, pois caso aceite essa prática por se tratar de uma mera “brincadeira” está reafirmando o *bullying*.

Os entrevistados manifestaram preocupação com o desenvolvimento de um trabalho organizado para suas causas. Uma professora não identificada mencionou que resultados positivos poderiam ser obtidos por meio da não desistência: “... é preciso ser persistente, ser contínuo” e mencionou que seria propício ações de diálogos, conversas individuais, campanhas e assembleias, como medidas de prevenção e possível diminuição do *bullying*.

Os professores enfatizaram a importância de ações que induza à reflexão e a consciência dos alunos. A professora de Português relaciona o *bullying* à reprodução de formas de relacionamento interpessoal caracterizado pela intensa hostilidade. Ela conclui que: “com boas relações, o *bullying* não vai existir”.

O professor de Arte da escola B, destacou que os docentes precisam ter a consciência do seu poder de fala no ambiente escolar, afirmando que o *bullying* pode e deve ser enfrentado pela escola, e que os professores não podem encarar essa violência como se fosse um comportamento normal e de brincadeiras entre amigos.

Os professores que expressaram a consciência a respeito da produção e da redução do *bullying* demonstraram reconhecimento da importância da consciência a respeito do professor no cotidiano escolar.

A identificação de docentes que apresentavam engajamento em relação ao combate ao *bullying*, porém com consciência limitada a respeito de suas causas, principalmente do que poderia ser feito reduzi-lo, gerou grande dificuldade para os autores, pois foi preciso identificar o que havia de comum em respostas que expressaram uma compreensão variada a respeito das

causas do *bullying*, além de posicionamentos que de alguma forma responsabilizam determinadas causas, como por exemplo: a família, a comunidade e até mesmo problemas psicológicos.

Os professores de Educação Física e de Ciências da escola A, apresentaram considerações pouco consistentes a respeito das causas do *bullying*, assimilando a produção do *bullying* à imaturidade, insegurança em relação à vida escolar. O professor de Educação Física ressaltou a dificuldade em conviver com o diferente, com tudo que não se assemelha a própria identidade. O professor de Ciências indicou a produção do *bullying* com insegurança nos agressores. O professor de Arte, da mesma escola, objetivou como causas do *bullying* a introversão, reforçando que alguns alunos são quietos, fechados, introvertidos e não se defendem das agressões, atribuindo a culpa na vítima por não se auto defender.

Os professores de Arte e de Matemática da escola E, admitiram que o *bullying* é produzido por fatores psicossociais, parecem tê-los abstraído do contexto social que os produziu. De acordo com o professor de Arte, o preconceito é o grande mal responsável pela insegurança e pelo medo, bem como pelo “não reconhecimento do lado positivo da diferença”.

Os professores de Arte da escola C e de Português da escola B, apontaram aspectos importantes como a aceitação dos valores socialmente estabelecidos. A professora de Arte, citou que características físicas “diferentes” do padrão imposto pela sociedade, contribui para ser vítima do *bullying*. A professora de Português confirmou esse entendimento, pois destacou que as “novelas e propagandas mostram pessoas bonitas e bem-sucedidas”, contudo os alunos passam a aceitar aqueles que se encaixem nesse padrão e assim agridem ou excluem os alunos que julgam não ter essas características.

Os autores destacam que as respostas dos professores de Português, Arte e Educação Física da escola D, são semelhantes a respeito das causas do *bullying*, ambos se referiram a uma suposta carência emocional, destacaram a falta dos valores morais dos jovens agressores. Os professores de Educação Física e de Português retrataram que “Se a família não cumpre o seu papel, sobra para a escola educar, a escola é uma fuga, os alunos tentam aparecer aqui, pois em casa não conseguem” A professora de Português, argumentou: “Muitos alunos vivem em uma zona de tráfico, já presenciaram chacinas e linchamentos, e trazem essa violência para a escola”. Nota-se que foram entrevistados docentes que apresentavam um entendimento em relação ao combate ao *bullying*, porém com consciência limitada a respeito de suas causas, principalmente nas possíveis intervenções para reduzi-lo.

Os docentes identificados com posicionamento acrítico em relação ao *bullying*, demonstraram um desconhecimento a respeito do *bullying* ter um caráter violento, para os

autores esse nível de alienação se caracteriza como uma visão padronizada do processo formativo.

A professora de Educação Física da escola C, indicou que o *bullying* é algo natural nas relações dos jovens. O professor de Educação Física da escola D, não apresentou considerações sobre as contradições e acabou sugerindo que o *bullying* seria uma perseguição de pobres a ricos. A professora de Educação Física da escola C, indicou que muitos alunos agredem e perseguem o “fraco” e o “novo” e caberiam a estes alunos se enturmarem, sendo assim, culpabilizando as vítimas. Ela enfatizou que os alunos chegam à escola “querendo se achar” e, com isso, influencia a violência, e que alguns mentem que apanham na escola. A professora da escola C, argumentou que nada deveria ser feito, pois quanto mais se destaca OS conflitos, mais se dá margem para a situação de violência piorar. Os professores de Educação Física da escola D e B sugeriram palestras com “policial, bombeiro, conselho tutelar, que expliquem sobre a vida cidadã; e palestras para os pais”.

A análise das entrevistas permitiu que os autores compreendessem a relação entre as opiniões dos professores acerca de fatores presentes na produção do *bullying*, e a compatibilidades de suas propostas para o enfrentamento dessa violência escolar. Foi confirmado nesse estudo que, quanto mais consciência sobre o assunto mais eficácia na sua redução.

Os professores, que apresentam consciência sobre o *bullying*, compreendem que sua redução necessita de uma visão ampla sobre os fatores que levam essa prática e propostas para o seu enfrentamento. Quanto aos professores que não apresentaram consciência a respeito das causas do *bullying*, porém opinaram sobre seu enfrentamento, fizeram com que os autores levantassem o questionamento do fato de: “como é possível haver uma opinião sobre essa prática sem ao menos compreender os fatores que a produzem ou favorecem?”. Os professores com posicionamento alienado, ou seja, não levavam em conta os diferentes fatores que influenciam para as causas dessa violência escolar, tendo em vista que alguns casos, o *bullying* não foi reconhecido como algo grave no âmbito escolar ou não tinham pensado sobre o assunto.

É perceptível a importância de espaços para a reflexões e debates sobre essa prática, quanto maior a pauta para esse tipo de discussão maior será a resistência. Observando essa realidade, torna-se claro a importância da autoconscientização dos professores para a conscientização os jovens que estão em processo de formação e sob influência dos educadores, tendo em vista um papel importante na luta contra o *bullying*.

As habilidades sociais se fazem importantes para a construção de boas relações, minimizando as animosidades nas relações interpessoais. A promoção de assembleias,

campanhas, conversas individuais e o diálogo citados pelos professores desse estudo são ferramentas utilizadas como medidas de prevenção do *bullying*, uma vez que são exercícios de comportamentos das habilidades sociais.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 2329-2340, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002702329&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 out. 2020.

Artigo 2 - Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas.

O presente artigo é uma revisão sistemática de literatura sobre intervenções antibullying em escolas, com objetivo de verificar efetividade de intervenções rigorosamente planejadas e avaliadas na redução do *bullying*.

A pesquisa realizou uma busca em quatro bases de periódicos, Lilacs, PsycINFO, *Web of Science* e SciELO para responder a pergunta norteadora, “Em relação ao *bullying*, quais são as intervenções empreendidas para a sua redução nas escolas?”.

Como critérios de inclusão e exclusão, o estudo utilizou artigos específicos do *bullying* escolar, foram excluídos livros, editoriais, capítulos de revistas, entre outros formatos de textos que não abordavam o tema inicial.

O levantamento dos dados bibliográficos ocorreu em fevereiro de 2015, sua organização ocorreu da seguinte forma: leitura, análise do título e resumo, depois ocorreu a leitura da íntegra dos artigos selecionados, por fim as principais informações foram colocadas em uma planilha de estudo.

Foram localizados 901 resultados, dos quais 369 eram repetidos, 514 foram excluídos por se não encaixarem nos principais requisitos e os 18 artigos restantes foram utilizados para realizar a pesquisa.

O estudo observou que nos últimos cinco anos ocorreu um aumento nas pesquisas sobre intervenções do *bullying* nas escolas. Países como: Estados Unidos, Finlândia e Inglaterra, tiveram a maior quantidade de produção científica sobre *bullying*. Todos os artigos foram publicados na língua inglesa.

A idade dos participantes das pesquisas variou entre 7 e 15 anos, a divisão entre os sexos ocorreu de forma igualitária, não houve estudo realizado com participantes de um mesmo sexo, as intervenções com diferenças significativas nos resultados quanto ao gênero dos participantes.

A estratégia de intervenção foi realizada com todos os estudantes, a maioria das intervenções foram desenvolvidas em 10 sessões ou menos, sendo os professores responsáveis pela condução da maioria das atividades realizadas nos estudos.

As intervenções realizadas nesse estudo tiveram uma abordagem multidimensional com diferentes componentes, envolvendo atividades para os estudantes, famílias e equipe escolar. Os estudos foram divididos em quatro categorias: multidimensionais ou de toda a escola, treinamento de habilidades sociais, curriculares e informatizadas.

Envolvendo toda a escola ou multidimensionais, foram desenvolvidos sete estudos por meio do uso de regras de sala de aula, aulas sobre *bullying*, trabalhos com agressores, vítimas, informações para os pais, aumento de supervisão no pátio, métodos disciplinares, cooperação entre pesquisadores e profissionais da escola e utilização de recursos tecnológicos. Os estudos dessa modalidade tiveram uma amostra com mais de 500 participantes.

Três pesquisas ocorreram na Finlândia, por meio do programa Kiusaamista Vastaa/Contra o *bullying* - Kiva) que conceitua o *bullying* como um fenômeno de grupo em que as testemunhas desempenham papel principal, incentivando o agressor ou defendendo o colega agredido. O programa é desenvolvido através de atividades, alterando normas de grupo, atividades individuais, envolvendo participação de estudantes, pais e professores, porém voltados para casos específicos. O estudo foi realizado em 888 escolas e demonstrou uma redução significativa do *bullying* nas turmas de primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental. Em outro estudo, com apenas 78 escolas, porém utilizando o mesmo programa, houve uma redução da prática de *bullying* nas turmas de quarto ao sexto ano.

As investigações baseadas no programa antibullying Olweus, proposto por Dan Olweus, pioneiro nos estudos de *bullying*, tiveram como objetivo promover um ambiente escolar positivo e assim, melhorando as relações entre os alunos na escola e combatendo o *bullying* escolar. O programa foi implementado em dez escolas da cidade de *Seattle*, nos Estados Unidos, com estudantes do sexto ano, de variados gêneros, etnias e diferentes níveis socioeconômicos, e não alcançou resultados positivos de um ponto de vista amplo. A pesquisa também foi realizada em 18 escolas da cidade de *Gante*, na Bélgica, com estudantes de 10 e 16 anos, houve uma redução em escolas primárias e nenhum efeito em escolas secundárias. O mesmo programa foi aplicado em 42 escolas de *Bergen*, na Noruega com estudantes do primeiro ao nono ano e com estudantes do sétimo ano em quatro escolas de *Hong Kong* e ambos alcançaram resultados positivos.

Cinco artigos relataram a realização de intervenções baseadas em treinamentos de habilidades sociais (THS). Os artigos abordavam temas como: habilidades relacionadas à

solução de problemas, pensamento positivo, relaxamento, linguagem corporal, formação de amizades, modo de lidar com o agressor, entre outras. O estudo relata a experiência dos pesquisadores DeRosier e Marcus em um programa de Treinos de Habilidades Sociais (THS) com alunos do terceiro ano do ensino fundamental, que se rotulavam ansiosos, rejeitados ou agressivos, em 11 escolas de *Wake*, na Carolina do Norte, Estados Unidos. A intervenção com Treino de HS diminuiu o *bullying* em crianças que se caracterizavam como agressivas.

O programa também foi aplicado em duas escolas alemãs com estudantes do sétimo ao nono ano e demonstrou diminuir a influência social dos agressores e as oportunidades para práticas de agressões. Porém, em uma escola japonesa com alunos do sétimo ano e em quatro escolas inglesas com alunos de 9 anos, os resultados das pesquisas não foram significativos.

As intervenções curriculares são direcionadas a prevenção ou ao enfrentamento do *bullying*, elas ocorrem com todos os alunos na sala de aula, essa intervenção envolve exposição de conteúdo, dramatizações, discussão coletiva, aprendizagem cooperativa.

Em uma escola finlandesa, foi implantado um programa de dramatização, no qual participaram 190 crianças do quarto e quinto anos, os resultados apontaram melhoras significativas em relação as práticas da violência escolar. Foi aplicado o mesmo programa de intervenção em 24 escolas belgas com estudantes de 10 e 16 anos, o objetivo era melhorar as atitudes dos colegas em relação ao *bullying* e resolver conflitos entre agressores e vítimas, os resultados foram positivos. Também foi aplicado em duas escolas de Ontário, no Canadá, com estudantes do quarto ao oitavo ano, pode-se observar uma diminuição na vitimização ao longo do tempo.

Dois estudos utilizaram os recursos de informática. Os estudantes de 25 escolas dos Estados Unidos, do sexto ao décimo primeiro ano, participaram de três sessões de computador, uma vez por semana, de 30 minutos cada, com objetivo de diminuir a participação em situações de *bullying*, identificaram uma diminuição significativa para os estudantes. Foi aplicado também, a mesma intervenção em estudantes alemães e ingleses com idades entre sete e 11 anos. A intervenção não foi efetiva em aumentar os conhecimentos sobre as estratégias de enfrentamento do *bullying*.

As intervenções analisadas nesse estudo variaram em relação aos resultados apresentados, algumas de forma positiva e outros de forma negativa, ficando evidente que as diferentes intervenções ou enfrentamento do *bullying* vão de acordo com o tipo de intervenção utilizada. É importante levar em consideração o contexto social que está inserido e idade dos estudantes. Pode-se observar que a maioria dos estudos trabalhou com participantes com idades acima de 10 anos e as intervenções que apresentaram maior eficiência foram com os alunos

mais velhos, os autores acreditam que uma possível explicação para os resultados pode se relacionar ao fato dos alunos mais velhos possuírem habilidades cognitivas mais desenvolvidas, sendo assim havendo uma maior compreensão sobre o assunto.

As intervenções multidimensionais ou toda a escola, apresentaram resultados mais eficazes em comparação às demais abordagens. O projeto Kiva teve resultados mais positivos, em contrapartida o programa antibullying proposto por Dan Olweus teve menores resultados, os autores associam isso ao fato do programa Kiva ter sido aplicado em uma realidade sociocultural que remete a uma homogeneidade de étnica, econômica e cultural, já o programa proposto por Dan Olweus foi implementado em realidades distintas (Bélgica, Estados Unidos, Hong Kong e Noruega), não tendo o mesmo rigor na verificação da fidelidade entre o planejado e o realizado.

Geralmente essas intervenções são realizadas unicamente por profissionais da escola sem formação específica. Ambos os programas, tendo acompanhamento e suporte adequado, promovem maior estima na implantação das intervenções. Entretanto, o trabalho em conjunto entre profissionais da escola e pesquisadores é mais eficaz em relação à redução do *bullying*.

Ao associar o *bullying* com aspectos extraescolares, de modo a se implicar a família dos alunos na prevenção e seu enfrentamento, representa um crucial na intervenção, o qual é significativamente relacionado à diminuição das agressões, juntamente com supervisão por adultos em locais externos, tais como pátios, corredores e quadra, uma vez que é associado que as diminuições da supervisão nesses locais podem amentar as agressões.

Os autores destacam algumas limitações que podem influenciar nos resultados. A primeira limitação é a coleta de dados baseado no autorrelato, que podem não ser suficientes pois pode ocorrer mudança de comportamento, implicar em tendência de percepção e memória. Outro aspecto destacado foi a ausência das referências teóricas, afetando o planejamento, desenvolvimento e avaliação das intervenções. Pode-se considerar que as intervenções que envolveram toda escola, desconsideraram a mudança demográfica e assim, podendo interferir nos resultados, como etnia e orientação sexual. Quando envolver todos os alunos, independente de participação (vítima, testemunha ou agressora) ou não em um contexto de violência escolar, pode ocorrer interferência nos resultados normalmente, uma pequena porcentagem de alunos encontra-se envolvidos nos casos de *bullying*.

Em comparação a abordagem de toda a escola, os outros programas tiveram intervenções mais focadas. Alguns promoveram ações antibullying na sala de aula ou propuseram a ajudar os estudantes a desenvolverem habilidades sociais e de resolução de conflitos, apenas dois programas que promoveram o THS obtiveram resultados positivos. Em

alguns casos, as intervenções que abordam somente um envolvido, seja ele agressor, vítima ou testemunha, apresenta diminuída chance de efetividade, como ocorreu em habilidades sociais.

As intervenções baseadas em recursos de informática, demonstrou uma ausência de resultados significativos, embora determinadas respostas são apropriadas no sentido de interromper o ciclo de agressões, esses resultados são de responsabilidade do próprio método utilizado. Foi constatado que utilizar esse método com vítimas não é eficaz, devido ao fato de que o modo que a vítima responde ao agressor pode reforçar ou parar a agressão, isso dependerá da capacidade de convencimento de que ela não é tão suscetível quanto o agressor imagina.

As intervenções curriculares demonstraram uma ausência de resultados, pois indicam serem pouco eficazes em relação ao *bullying*, pois desconsideram aspectos das circunstâncias onde o *bullying* ocorre. Embora seja uma intervenção atraente aos gestores da educação devido ao baixo investimento para sua realização.

Importante ressaltar que, foram analisados estudos internacionais, podendo não demonstrar a realidade do contexto no Brasil. É necessário realizar intervenções nacionais baseadas na nossa vivência, de forma que, comparar os resultados observados em realidades socioculturais diferentes, tendo um maior êxito na busca da realidade brasileira, em comparação aos internacionais.

Em algumas intervenções mesmo tendo efeitos considerados mínimos, precisam ser enaltecidos devido à redução da violência escolar ser necessária.

LESSA, Tatiane Cristina Rodrigues; FELICIO, Natalia Costa de; ALMEIDA, Maria Amélia. Práticas Pedagógicas e Habilidades Sociais: Possibilidade de Pesquisa de Intervenção com Professores. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 167-174, ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000200167&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

Artigo 3 - Práticas Pedagógicas e Habilidades Sociais: Possibilidade de Pesquisa de Intervenção com Professores

As práticas pedagógicas são de extrema importância no contexto educacional, uma vez que auxiliam na dinâmica da sala de aula, fazendo com que seja mais proveitosa e benéfica para os alunos. Dentro dessas práticas temos a área das habilidades sociais, que promove benefícios aos alunos, aos professores e ao contexto escolar em geral.

O *feedback* se faz presente nas habilidades sociais, sendo uma importante ferramenta de compreensão verbal ou escrita sobre o desempenho de alguém. O *feedback* pode ser positivo

ou negativo, considerando o impacto destes na manutenção e aperfeiçoamento dos aspectos que se deseja desempenhar.

A interação adequada entre os pares dentro do contexto escolar depende das habilidades sociais desenvolvidas na prática pedagógica. Sendo assim, o estudo aqui analisado tem o objetivo de verificar se o ensino da subclasse das habilidades sociais, o *feedback*, pode auxiliar a modificar a frequência de respostas e interferir no número de solicitações dos alunos durante o período de aula. O estudo usa como delineador experimental o ABA – *Applied Behavior Analysis* (Análise de Comportamento Aplicado), cujo delineamento é um dos mais simples para demonstrar causa e efeito das relações, e teve como participante uma professora de escola pública estadual de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. A coleta de dados seguiu três protocolos, A1, B e A2. Na etapa A1, as pesquisadoras realizaram 13 sessões de observação em sala de aula, verificando o número de solicitações dos alunos à professora e vice-versa. Na etapa B, realizaram a intervenção com a professora, que foi muito receptiva às pontuações feitas pelas pesquisadoras e, por fim, em A2, fizeram a retirada da intervenção. O critério final das intervenções foi o aumento de 60% do número de *feedbacks* iniciais. Nos resultados, foi possível verificar o aumento no número de *feedbacks* positivos.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo, cuja contempla o Fundamental I e II. A professora participante da pesquisa tinha, na época, 39 anos de idade e lecionava para o 5º ano do Ensino Fundamental I.

Os dados coletados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, sendo a primeira referente aos protocolos utilizados e a segunda pela análise dos dados dos diários de campo.

A pesquisa foi realizada nas semanas que antecediam as atividades avaliativas, portanto, as principais aulas ministradas durante o período da pesquisa foram de Português e Matemática e a média de alunos por dia era de 20.

No 1º dia as pesquisadoras notaram que, apesar do conteúdo da aula ter grande possibilidade de *feedbacks* positivos entre os alunos e a professora, em sua maioria, os *feedbacks* foram de caráter negativo. No segundo dia de observação, os *feedbacks* aconteceram em maior quantidade comparado ao 1º dia, contudo, ainda em um nível muito baixo. No terceiro dia a atividade proposta pela professora causou bastante agitação nos alunos, porém a professora não aproveitou deste interesse maior e para ter maior controle da situação, fez muitos *feedbacks* negativos.

A partir de então, as pesquisadoras passaram a fazer a primeira intervenção, pontuando que a quantidade de *feedbacks* negativos foi muito maior que a de *feedbacks* positivos, fazendo com que as atitudes inadequadas fossem pontuadas e as adequadas, em sua maioria, não foram pontuadas. Então foi sugerido a alteração deste padrão, pois o feedback positivo pode aumentar a probabilidade dos desempenhos valorizados a voltarem a ocorrer.

Assim, os sete dias subsequentes à intervenção foram de uma ascensão dos *feedbacks* positivos, em detrimento dos negativos. Após os 7 primeiros dias, ocorreu a retirada e o padrão se manteve e, apesar de ter uma queda quando comparada às sessões de intervenção, os *feedbacks* permaneceram acima de 60% comparado à A1. A intenção das pesquisadoras não era de dissociar o feedback positivo do negativo neste momento, mas sim, de verificar a frequência em que se ocorria esta interação entre professor-aluno, pois a pesquisa não tinha o intuito de reverter o comportamento da professora, mas verificar se esta mudança em seu comportamento durante a intervenção seria mantido frente aos resultados obtidos.

A pesquisa realizada foi importante para ressaltar que as habilidades sociais e práticas pedagógicas podem trazer importantes contribuições para a sala de aula, pois, após a intervenção feita pelas pesquisadoras no comportamento da professora, houve, em poucos dias, uma mudança considerável no comportamento dos alunos, que não se manteve após a retirada da intervenção, assim como o da professora também não se manteve. Sendo assim, a pesquisa conclui que seria interessante para o ambiente escolar este tipo de intervenção, de forma contínua, ao trabalho do professor, visando contribuir para os processos de ensino-aprendizagem e a melhora nas relações interpessoais. O estudo ainda reforça a importância da automonitoria e formação continuada na prática pedagógica, pois os professores poderiam refletir sobre sua própria prática, analisando como isso é refletido no comportamento de seus alunos.

6 INTEGRAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os três estudos fazem parte da busca para responder ao objetivo do estudo e permitem analisar intervenções *antibullying* realizada no fundamental I, com destaque as intervenções a partir do referencial das habilidades sociais.

O primeiro artigo não explicita uma intervenção, porém deixa implícito as necessidades e práticas realizadas pelos professores sobre a consciência do processo e redução do *bullying*, apresenta dados que revelam que o tema é pouco abordado e trabalhado na formação de professores, uma vez que no estudo que fora realizado com professores e identificado que as respostas para as perguntas geradoras foram dadas por meio de conhecimento empírico de alguns deles. Silva e Rosa (2013) justificam essa ausência de conhecimento científico sobre o *bullying* porque ainda é um tema que está no começo de um processo de pesquisas científicas, e que é difundido de uma forma ampla na formação inicial de pedagogos.

O estudo revela que os professores percebem a existência e propagação do *bullying* como um fenômeno que se dá fora dos muros das escolas, então ocorre dentro das relações de convívio externo, em contexto de vulnerabilidade e com altos indícios de violência e que o fenômeno social acontece nas escolas porque as vítimas não reagem as agressões. Um grupo de professores sugere palestras com policiais, bombeiros e conselho tutelar como forma de combate. Ou seja, adota-se então uma relação vertical entre essas figuras que ocupam papéis sociais de autoridades como forma de coerção para aqueles que estão envolvidos com *bullying* e inviabiliza a ação do professor como agente transformador e responsável pela mediação do sujeito com o problema, como enfatizado pelos autores Ferreira, Carvalho, Senem (2016), que destacam o professor e a escola como agentes e sistemas de transformação social. Zequinão, Medeiros, Pereira e Cardoso (2016) também contribuem para a compreensão desse resultado, destacando que como o agressor tenta buscar maneiras de se sentir superior, o grupo de professores entrevistado acredita ser necessário alguém com maior nível de “superioridade” para poder cessar o comportamento indesejável.

O artigo 2 traz um estudo sobre as intervenções *antibullying* desenvolve um estudo interessante sobre ações lideradas por professores que utilizam de uma abordagem que não só envolve apenas o ambiente escolar, mas também que envolvessem a família e a equipe escolar. Nesse primeiro momento, então, é possível perceber como essas intervenções não consideram o *bullying* como um fato isolado e “normal” para a idade. As intervenções, que integraram o trabalho das emoções e valores, favoreceram as crianças aprenderem a identificar o que o outro sente através da linguagem não verbal, ou seja, pela expressão corporal ou facial. O programa

que utilizou o Treino de Habilidades Sociais (THS) mostrou resultados positivos no combate ao *bullying* nas 11 escolas em que foi aplicado na Carolina Do Norte.

Porém, esses estudos falam sobre as aplicações das intervenções em escolas ao redor do mundo por causa do aumento no interesse em estudar o assunto mundo a fora, enquanto no Brasil, nota-se que poucos estudos tem se apropriado do tema, visto a dificuldade dessa própria pesquisa em identificar de trabalhos acadêmicos que tem como tema central o *bullying* e intervenções

Os efeitos dessas intervenções nessa área são fundamentais, posto que os objetivos das intervenções é reduzir os índices de violência escolar, é o que o último artigo selecionado revela. Segundo A.Del Prette e Del Prette (2017), as habilidades socioeducativas são divididas em classes e subclasses e a importância de se utiliza delas como ferramenta durante a docência, não só eleva a autoestima e estimula o aluno a continuar buscando o aperfeiçoamento dos conhecimentos, mas também colabora na relação professor-aluno, visto que o comportamento de um indivíduo pode ser antecedente ou consequente do comportamento do outro.

O resultado do terceiro estudo enfatiza a subclasse “*feedback* positivo” das habilidades sociais educativas como ferramenta de transformar o comportamento indesejável dos alunos em sala de aula. O *feedback*, na nossa cultura, tende a ser algo negativo, pois será ressaltado naquele momento apenas os pontos negativos de uma determinada ação ou atitude, quando esse *feedback* é utilizado de forma positiva ela afasta reações de defesa passiva-agressiva e ressentimentos que poderiam deteriorar relações interpessoais,

O tema das habilidades sociais tem chamado a atenção de pesquisadores nacionais e estrangeiros pela importância de se fortalecer competências e aspectos sadios do ser humano como também por possibilitar a criação de intervenções que aprimoram as habilidades sociais (Salvo et al., 2005). As habilidades sociais se definem pelas combinações entre as características formais e funcionais de determinadas respostas sociais dos indivíduos. (ALMEIDA; LISBOA 2014, p. 64)

Tendo em vista as contribuições de Del Prette e Del Prette (2008) sobre as HSE mencionadas nesta pesquisa, é possível perceber que quando a professora promoveu um comportamento utilizando da classe monitorar positivamente apresentar *feedback* positivo, gerou uma mudança no comportamento da sala que beneficiou a relação professor-aluno. O estudo que promoveu o uso de *feedback* positivo por parte da professora aponta que a ação docente está implicada na mudança comportamental em sala de aula. Nos primeiros dias de observação foi constatado que a professora apenas chamava a atenção da sala para comportamentos indesejáveis e negativos, e que essa atitude colaborou para maiores incidências de comportamentos inadequados dentro da sala de aula. Depois da intervenção das

pesquisadoras, a professora mudou a forma de dar esse *feedback* para sua turma, de forma que realizasse de forma mais amigável e construtiva, reforçando agora os comportamentos desejáveis com mais frequência, e após sete dias utilizando desse método, as incidências de indisciplina em sala de aula diminuiriam consideravelmente.

O terceiro estudo reforça o que já fora dito referente aos professores entrevistados do primeiro artigo, sobre os limites e consciência do processo do *bullying*. A lacuna na formação de professores que os possibilite a impulsionar e estimular o trabalho com as emoções e valores sociais com seus alunos, de forma que não ocorra a segregação entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos que dizem respeito às relações humanas e autoconhecimento emocional. Apesar do artigo 2 trazer apenas resultados em relações aos programas internacionais, é uma forma de demonstrar a efetividade do uso e trabalho constante das habilidades sociais dentro da escola como ferramenta de melhoria das relações intra e interpessoais.

Os três estudos analisados evidenciam que boa parte dos professores possuem um conhecimento muito superficial sobre *bullying* como apontado pelo artigo 1 no estudo com o estudo com dezessete educadores. Quanto as intervenções, foi identificado no artigo 2, que intervenções que utilizam treino das habilidades sociais favorecem a diminuição das incidências de *bullying* entre as crianças em fase escolar. E finalmente o estudo 3 mostra a melhoria do comportamento dos alunos em sala de aula em relação a postura adotada da professora em ressaltar, com maior frequência, os *feedbacks* positivos, valorizando o comportamento desejável ao invés do foco ser nos comportamentos indesejáveis.

Importante ressaltar que os dois estudos citados com resultados positivos tiveram como ferramenta o treino das habilidades sociais para aquisição de comportamentos desejáveis para o repertório de comportamentos de um indivíduo, colaborando, assim, positivamente para construção de relações mais sólidas e harmoniosas. Porém, os estudos indicam que os programas de intervenção com crianças de menores idades pode não ser tão efetivo, como salientado pelo estudo em que aponta as intervenções mais efetivas foram as que aconteceram junto a grupos de crianças com idades igual ou superior a 10 anos, por possuírem maiores níveis de desenvolvimento cognitivo para entender o *bullying* como uma ação prejudicial. Assim, esses resultados reforçam ao achados de Gomide (2003) , que enfatiza a infância como fase decisiva para a aprendizagem e o aprimoramento das habilidades sociais devido ao repertório social ser construído com base em suas relações com a comunidade em que está inserido, visto que se trabalhados desde a infância ,as crianças terão um repertório maior e mais elaborado para maximizar os resultados das intervenções com THS.

O professor exerce uma função de extrema importância na escola, no processo de efetivação da função social da escola, criando condições efetivas de ensino-aprendizagem e no processo e desenvolvimento socioemocional dos educandos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos, pesquisas e leituras realizadas acerca do objeto de pesquisa desse trabalho, foi possível identificar fatores que levam o *bullying* a ser um problema social do qual precisa ser solucionado. Existem muitos estudos estrangeiros sobre o fenômeno *bullying* e quais suas possíveis causas e consequências, porém, pouco estudos relatam a realidade brasileira. Pode-se dizer que os programas internacionais citados não refletem em sua totalidade a realidade brasileira, assim é necessário que programas e ações sejam realizados no país como forma de mapear e buscar soluções adequadas para a diversidade social encontradas em um país como o Brasil, no qual a educação e saúde pública exige uma necessidade do apoio do governo para sua melhoria.

Saber que a prática desta violência existe é primordial para combater a mesma, no entanto vale ressaltar que não se pode atribuir somente ao docente toda a responsabilidade de combater a prática do *bullying* na sala de aula, cabendo então, a um trabalho multidisciplinar. Nesse sentido, é necessário que intervenções sejam realizadas com caráter experimental como forma de descobrir formas de combater o fenômeno dentro da sociedade brasileira.

É de extrema importância reconhecer a Pedagogia e Psicologia como campos importantes dentro desse processo, porém não depende apenas delas, o ambiente familiar e social da criança, fora da escola, também são responsáveis em transmitir os comportamentos que as crianças levam consigo. Portanto é necessário que programas multidisciplinares que integram sociedade e escola para atingir uma efetiva ação contra o *bullying*

O treino das Habilidades Sociais se apresenta como uma ferramenta efetiva no processo de erradicação do problema, porém é necessário observar e acompanhar as intervenções de modo que seja reelaborada para cada cenário, perfil dos envolvidos de forma que se adeque para atingir o objetivo da intervenção. Ter o conhecimento sobre fenômenos sociais, como o *bullying*, também faz parte do universo de capacitação profissional de um docente. Uma vez que ele é o grande mediador com potencial de promover intervenções que possuem como objetivo a erradicação ou diminuição dos efeitos do *bullying*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lisete Silva; LISBOA, Carolina. Habilidades sociais e bullying: uma revisão sistemática. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 62-75, jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.71.06>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jun. 2020.

ATIRADOR entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 35-44, jun. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-85572012000100004>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100004. Acesso em: 01 ago. 2020.

BRASIL. Constituição. **Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015**. Institui o programa de combate à intimidação sistemática (bullying). Brasília: Planalto, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 20 abr. 2020.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; CARRARA, Kester. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, ago. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2020.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O Método Da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p.121-136, ago. 2011.

CASALI-ROBALINHO, Ivana Gisel; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades Sociais como Predictoras de Problemas de Comportamento em Escolares. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 321-330, set. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032110321330>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722015000300321&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2020.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A.P. Habilidades Sociais. In: DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A.P. **Competência Social e Habilidades Sociais**: Manual teórico-prático. Petrópolis: Vozes, 2017. cap. 1, p. 19-34.

DEL PRETTE, Zilda A. P; ROCHA, Margarette Matesco; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais na infância: Avaliação e intervenção com a criança e seus pais. In: PETERSEN, Circe Salcides; WAINER, Ricardo. **Terapias Cognitivo-Comportamentais para Crianças e Adolescentes**. 1. ed. Porto Alegre: Artemed, 2011. cap. 3, p. 46-61.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 517-530, dez. 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300008> Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 mar. 2020.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota; MARTURANO, Edna Maria. Associação entre comportamentos externalizantes e baixo desempenho escolar: uma revisão de estudos prospectivos e longitudinais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 15, ed. 1, p. 43-51, janeiro/abril 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n1/06.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2020

DUPLA ataca escola em Suzano, mata oito pessoas e se suicida. 2019. Publicado por G1 Mogi das Cruzes e Suzano. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2020

EPTV. '**Piores memórias**', diz professor ao lembrar ataque ocorrido há 16 anos em escola de Taiúva, SP. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/03/13/piores-memorias-diz-professor-ao-lembrar-ataque-ocorrido-ha-16-anos-em-escola-de-taiuva-sp.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FERREIRA, Fabiana Ribas; CARVALHO, Maria Aparecida Gomes de; SENEM, Cleiton José. Desenvolvendo habilidades sociais na escola: um relato de experiência. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 84-98, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 nov. 2020.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBORIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2020.

GUERRA, Bárbara Trevizan; ROVARIS, Jéssica Aline; MARIANO, Marília; GUIDUGLI, Priscila Meireles; ROSANTI, Sofia; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Análise das queixas da rede municipal encaminhadas para a Educação Especial. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 321-328, ago. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000200321. Acesso em: 14 nov. 2020

LESSA, Tatiane Cristina Rodrigues; FELICIO, Natalia Costa de; ALMEIDA, Maria Amélia. Práticas Pedagógicas e Habilidades Sociais: Possibilidade de Pesquisa de Intervenção com Professores. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 2, p. 167-174, ago. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702121096>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000200167&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 Set. 2020.

MAIA, André Augusto; LEME, Fábio Ricardo. O fenômeno 'bullying' na escola pública, na perspectiva do pensamento de Zygmunt Bauman. **Cadernos Zygmunt Bauman**, São Luís, v. 4, n. 8, p. 131-156, 2014. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2991/3031> Acesso em: 20 abr. 2020

MAIA, Denise da Silva; LOBO, Beatriz de Oliveira Meneguelo. O desenvolvimento da habilidade de solução de problemas interpessoais e a convivência na escola. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 17-29, 17 set. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.5752/p.1678-9563.2013v19n1p17>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/5812>. Acesso em: 16 nov. 2020.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto; BRANCO, Angela Uchoa. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 62, n. 137, p. 169-182, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 mai. 2020.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática: uma revisão sistemática. **Psico-usf**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 121-132, abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712015000100012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 abr. 2020.

RAMOS, Barbara Silva; KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Convivência, Violência E Habilidades Sociais No Ensino Fundamental. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, PR: PUCPR, 2013. p. 28176-28187. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/6837_5943.pdf. Acesso em: 16 ago. 2020.

ROCHA, Juliana Ferreira da; CARRARA, Kester. Formação ética para a cidadania: reorganizando contingências na interação professor-aluno. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 221-230, dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000200004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000200004&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 16 nov. 2020.

SANTANA, Vitor; RESENDE, Paula; TÚLIO, Sílvio. **Estudante que atirou em escola de Goiânia se inspirou em massacre de Columbine e Realengo, diz polícia**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/estudante-que-atirou-contr-colegas-em-escola-de-goiania-ia-matar-todo-mundo-cre-delegado.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2020

SANTOS, Zeimara de Almeida; SOARES, Adriana Benevides. Habilidades sociais e bullying: um estudo entre agressores e vítimas. **Psicologia Argumento**, [s.l.], v. 34, n. 84, nov. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.34.084.AO05>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23307/22427>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: cartilha 2010 - projeto justiça nas escolas. Brasília: [s.n.], 2010.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S.. Professores sabem o que é bullying?: Um tema para a formação docente. : um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 329-338, dez. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572013000200015&lang=en. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 2329-2340, Jul 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017227.16242015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002702329&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2020.

SILVA, Pedro Fernando da et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 44-56, Abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150129>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000100044&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 set. 2020.

SOUSA, Analicia Martins de. Bullying e projetos de leis no Brasil: uma racionalidade vitimizante e punitiva sobre as relações humanas: uma racionalidade vitimizante e punitiva sobre as relações humanas. **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 27-52, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200003. Acesso em: 20 abr. 2020.

VIEIRA, Timoteo Madaleno; MENDES, Francisco Dyonísio Cardoso; GUIMARAES, Leonardo Conceição. De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 493-501, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300021>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000300021&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2020.

WURMEISTER, Fabiula; KOBUS, Bruna. **Aluno armado atira e fere dois colegas em colégio de Medianeira**. 2018. Publicado por G1 PR e RPC Foz do Iguaçu. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.

ZEQUINAO, Marcela Almeida et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, mar. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000100181&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2020.